



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

OS FAXINAIS NA REGIÃO DE IRATI NA DÉCADA DE 1940: A FORÇA DE UMA CULTURA TRADICIONAL

Hélio Sochodolak

Departamento de História – UNICENTRO - *campus* de Irati – PR
pós-doutorando em História – UNESP – campus de Assis-SP
sochodo@irati.unicentro.br

Regiane Maneira

Departamento de História – UNICENTRO - *campus* de Irati – PR
maneiraregiane@yahoo.com.br

O Sistema de Faxinal é tradicionalmente caracterizado pelo uso coletivo da terra para a criação de animais, sendo denominado “criadouro comum”, pelo fato dos animais serem criados em regime de compáscuo. O faxinal é dividido em terras de plantar, que são destinadas ao cultivo agrícola, sendo delimitadas por uma cerca construída coletivamente; e as terras de criar, destinadas à criação de animais de várias espécies.¹

Uma das características principais do sistema faxinal é o cultivo de gêneros alimentícios como arroz, feijão, milho, batata, mandioca entre outros, que são destinados ao consumo das famílias e também para a venda do excedente. Há também a

¹ No que diz respeito à origem do Sistema Faxinal, não existe uma unanimidade entre os pesquisadores do tema. Segundo Nerone, o Sistema de Faxinal decorre de um arcabouço cultural transplantado via colonizador, e cujas raízes podem ser encontradas na Península Ibérica, através das Reduções Jesuíticas Espanholas. Este vínculo que a autora faz entre a origem dos faxinais e as reduções jesuíticas pode estar relacionado ao fato de que as reduções Jesuíticas também possuíam como forma de organização a vida comunitária. CHANG, M. Y. **Faxinais**: Uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-sul do Paraná. Boletim nº 22. IAPAR. Londrina, PR 1988, p. 24. Man Yu Chang atribui a origem do sistema à estrutura de subsistência das grandes fazendas, que estavam baseadas na criação de animais à solta e no cercamento das lavouras com cercas de bambu, bem como o pousio da terra. A conexão que a autora faz entre a origem do faxinal e o sistema de criação de animais das grandes fazendas, pode estar relacionado ao fato de que o faxinal também possui como estrutura básica de funcionamento, a criação de animais soltos no criadouro comunitário — terras de criar — e também o cercamento das terras destinadas à prática da agricultura — terras de plantar —, estrutura que segundo a autora também era encontrada nessas fazendas. José Adilçom Campigoto e Hélio Sochodolak (2009, p. 194) vinculam o sistema faxinal à frente oriental paranaense da extração de erva-mate e a criação extensiva de suínos, praticada desde o século XVII nessa região. Quando diminuíam os alimentos encontrados no local em que estavam, os coletores da erva mate adentravam novamente na mata, levando consigo os materiais utilizados no trabalho, alimentos e animais de carga e de criação, assim, o sistema de faxinal relaciona-se com esse tipo de nomadismo.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

criação extensiva de animais, especialmente porcos, que “[...] pode ser considerada como parte da cultura faxinalense, praticada pelos caboclos e, depois, adotada pelos imigrantes europeus, principalmente, por poloneses e ucranianos.”(CAMPIGOTO E SOCHODOLAK, 2009, p. 195)

1. Os Faxinais, os porcos e a peste

Na década de 1940 — nosso recorte temporal — a criação de porcos em regime de compáscuo era praticada na região de Irati, principalmente, devido ao considerável número de faxinais existentes na região. No caso da localidade de Rio do Couro, além dos suínos, haviam algumas famílias que compravam porcos em outros lugares, como no município de Pinhão – PR, por exemplo, para engordarem em espaços cercados chamados “mangueirões”, onde os porcos recebiam a alimentação oferecida pelo proprietário até o ponto de abate, momento em que ocorria a venda dos mesmos: “[...] esses italianos traziam porcos de lá, eles traziam para engordar aqui, daí traziam quirera e batatinha e cozinhavam, daí engordavam aqueles porcos e vendiam.” (SPECHT, 2011)

Experiência semelhante era vivenciada na localidade de Rio do Couro. Lá também se praticava algo como o sistema de safra descrito por Arnold Monteiro Bach no livro “Porcadores”. Segundo esse autor, o sistema desenvolveu-se no Brasil entre os anos de 1800 e 1960, período em que era comum os safristas percorrerem o sertão comprando porcos magros para serem engordados nas lavouras de milho. Os safristas contratavam pessoas para derrubar a mata e iniciar a plantação de milho, onde os porcos seriam soltos, quando o cereal estivesse maduro (BACH, 2009, p.13). No entanto, diferentemente do sistema de safra, em que os porcos eram engordados no milharal, na localidade de Rio do Couro, os porcos adquiridos, eram engordados em “mangueirões”.

No Faxinal do Rio do Couro, segundo Alvindo Lemes, apesar de haver um número considerável de porcos, a venda destes não era uma prática muito comum, já que o preço dos animais era baixo, assim sendo, esses porcos eram consumidos pela família do proprietário (LEMES, 2011). Segundo Bach (2009) ter uma criação de porcos sempre foi sinônimo de alimentação farta, “Era o mesmo que ter um açougue e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

um armazém dentro de casa. Dos porcos vinha a banha, a lingüiça, o toucinho, o chouriço, o torresmo, a carne e demais derivados [...]” (pp. 32).

Em um estudo feito por Luís Cezar Soares e Hélio Sochodolak, intitulado “Elementos da cultura faxinalense em Inácio Martins”, os autores assinalam que o momento em que os faxinalenses se reuniam para matar um porco, era ao mesmo tempo, uma tarefa árdua, mas também um momento de festa, pois significava que alimento não iria faltar (2008). A carne que derivava do animal abatido era então distribuída aos vizinhos, estes por sua vez, quando matavam um porco também dividiam a carne com quem lhes havia doado o alimento. Segundo Soares e Sochodolak (2008), não havia uma regra escrita que indicasse qual o pedaço da carne que deveria ser dado, “Era uma espécie de código de postura e comportamento, código não escrito nem ditado por ninguém, mas que existia e era cumprido à risca pelos faxinalenses.”

Tanto a carne quanto os demais derivados do porco eram consumidos pela grande maioria dos faxinalenses, inclusive por aquelas pessoas mais pobres. Esse fato pode ser explicado pela própria organização do criadouro comunitário no faxinal, que permitia que pessoas criassem porcos mesmo sem possuir terras. E conforme Berger (2011), até mesmo essas pessoas possuíam a prática de ratear a carne do porco abatido, “[...] assim como nós ganhávamos, nós tínhamos uns vizinhos muito bons lá no mato, eles cada vez que matavam traziam um pedaço para nós e nós fazíamos também assim.”

A prática de repartir a carne dos porcos, também era uma forma de sempre ter um alimento “fresco”, uma vez, que não existiam geladeiras. Outra forma bastante comum de conservação era feita através da fritura da carne suína em tachos, logo após esse procedimento a carne era depositada em latas e cobertas com a própria gordura do animal, depois que a banha coagulava, permitia que essa carne fosse conservada por meses. Também se praticava a defumação da carne, que proporcionava uma maior durabilidade do alimento (BERGER, 2011).

Podemos perceber a importância que a criação de porcos exercia no faxinal, tanto no âmbito prático — forma de subsistência dos faxinalenses — como no âmbito cultural. A criação de porcos ainda é parte importante da cultura faxinalense. Eles



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

aprenderam as técnicas do manejo dos porcos com seus ancestrais e as praticavam e ainda praticam sem questionar suas razões. (SOARES E SOCHODOLAK, 2008)

Na década de 1940, os criadores de porcos, principalmente os faxinalenses, enfrentaram diversos problemas devido à peste suína, que resultou em sérios prejuízos para aqueles que tinham nessa atividade sua principal fonte de subsistência.

De acordo com uma notícia publicada pela “Coordenadoria de Defesa Agropecuária do Estado de São Paulo”, intitulada “Os avanços da defesa animal transformaram Brasil em potência exportadora de carne” a peste que assolou a criação de porcos entre as décadas de 1940 e 1950, foi a “Peste suína clássica” que hoje se encontra erradicada na maior parte do país. Houve também a “Peste suína africana”, que foi constatada pela primeira vez no Rio de Janeiro em 1978 e erradicada do Brasil desde 1984. (COORDENADORIA DE DEFESA AGROPECUÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2011).

Durante o governo provisório de Getúlio Vargas — período em que a peste suína clássica se manifestou — foi criado pelo Decreto nº 25.548, o Serviço de Defesa Sanitária Animal (SDSA) que, além de prever normas para a importação e exportação de animais e produtos de origem animal, decretava regras para a inspeção em portos e postos de fronteiras, fiscalização de mercados e feiras de animais vivos, além de medidas para combater doenças infecto-contagiosas. A lei também permitia que os serviços veterinários tivessem livre acesso às propriedades rurais, estabelecimentos de criação, depósitos, armazéns, estações de trem e qualquer outro lugar que alojasse animais. (COORDENADORIA DE DEFESA AGROPECUÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2011).

No Paraná, conforme mensagem apresentada pelo governo de Moyses Lupyon, no ano de 1948 à Assembléia Legislativa do Paraná, a peste suína havia se tornado uma calamidade pública em todo Estado. Em 1947 novos focos apareceram e a peste propagou-se em vários locais do Estado, ameaçando outras regiões que ainda não haviam sido infectadas. Para tentar controlar o alastramento da peste o governo estadual e o Ministério da Agricultura dividiram o Estado em duas zonas de ação: a primeira sob a responsabilidade do governo federal, por exigir maiores recursos, abrangendo os



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

municípios de Ponta Grossa, Castro, Pirai do Sul, Tibagi, Reserva, Ipiranga, Jaguariáva, Sengês, Irati, Teixeira Soares, Imbituva, Prudentópolis, Guarapuava, Pitanga, Laranjeiras do Sul, Clevelândia, Palmas e União da Vitória. A segunda zona de ação ficou sob a responsabilidade da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio, abrangendo os demais municípios do estado. (LUPYON, 1948, p. 31-32)

Neste documento consta que outras medidas foram tomadas para tentar conter o alastramento da peste suína como a distribuição de vacinas, interdição do trânsito de veículos que transportavam animais vivos para regiões onde não havia focos da peste, proibição do trânsito de tropas de suínos, além da formação de conselhos responsáveis pelo procedimento dos criadores para com os animais mortos e infectados. (LUPYON, 1948, p. 33)

Na região de Irati algumas destas medidas foram tomadas por parte da administração, como mostra um ofício enviado para o inspetor do distrito de Guamirim, datado de 21 de outubro de 1948. Neste ofício solicita-se a contratação de uma pessoa para trabalhar na abertura de valas para os proprietários de porcos depositarem os animais mortos pela peste. Além disso, esta pessoa seria responsável por percorrer o distrito alertando que os proprietários não deveriam depositar os animais mortos nos pastos, nem lançá-los aos rios, mas sim, enterrá-los.

Outra medida tomada pela prefeitura de Irati foi a vacinação, como mostra um telegrama enviado pela prefeitura para o Rio de Janeiro solicitando quarenta vidros da vacina “Cristal Violeta”. Em uma nota enviada ao jornal “Correio do Sul” de Irati, a prefeitura já havia adquirido 4.800 doses desta vacina e ainda contava com um funcionário apto para a aplicação destas gratuitamente. No entanto, o transporte do funcionário era de responsabilidade de quem necessitasse de seu serviço.

A partir das entrevistas coletadas com moradores das localidades de Rio de Couro e Faxinal do Rio do Couro, ambas localizadas na zona rural do município de Irati, constatamos que esse funcionário não foi convocado nestas comunidades, uma vez, que cada morador se responsabilizava em vacinar seus porcos, individualmente ou com ajuda dos vizinhos. No faxinal do Rio do Couro havia um morador que se disponibilizava em aplicar a vacina para os demais moradores como afirmou-nos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Alvindo Leme, morador do faxinal: “[...] aqui esse responsável era o Ambrósio, só que ele não ganhava nada, saía para fazer as aplicações e não ganhava.” (LEME, 2011)

A vacinação dos porcos não era garantia de que estes não seriam infectados ou mesmo não morreriam com a peste. Alvindo Lemes (2011) relata que até mesmo os porcos vacinados morriam, como testemunhou.

Seu depoimento encontra ressonância no panfleto do “Instituto Vital Brazil: laboratório de produtos químicos e biológicos S/A”, localizado em Niterói-RJ, que trata sobre a vacina “Cristal Violeta”, a qual foi adquirida pelo município de Irati para combater a peste suína, que diz o seguinte:

Esta vacina é exclusivamente preventiva e só deve ser aplicada em porcos saudáveis e ainda não foram contaminados pelo Vírus da peste suína. A imunidade conferida pela vacina só se estabelece 3 semanas após a vacinação. Durante esse período, os porcos vacinados estão sujeitos a contraírem a doença, caso haja contaminação. (INSTITUTO VITAL BRAZIL: LABORATÓRIO DE PRODUTOS QUÍMICOS E BIOLÓGICOS S/A)

Talvez, muitos dos porcos vacinados acabavam morrendo, como relata seu Alvindo, por já estarem contaminados pela peste suína, ou então, acabavam se contaminando durante as 3 semanas após a vacinação.

Em pouco tempo a peste suína arrasou a criação de porcos no faxinal, restando poucos deles: “A peste quando chegou foi um desastre porque matava os porcos e eles se amontoavam todos, um em cima do outro, quando via estavam mortos, (...) tem muitos que ficaram sem porco, [...]” (BERGER, 2011)

Alvindo Lemes (2011) relata-nos que, a partir do momento que a peste suína começou a infectar, e conseqüentemente, matar os porcos, os faxinalenses foram proibidos de abater os mesmos para o consumo. No entanto, algumas pessoas, acabavam aproveitando a carne daqueles que haviam morrido. Outros ainda, quando ouviam boatos que alguns porcos estavam morrendo no faxinal pela peste, fechavam alguns animais no chiqueiro para os matarem o quanto antes, não correndo o risco de perdê-los. Lemes (2011), ainda conta, que no período em que ocorreu tal fato, era difícil alguém consumir a carne suína, pois a maioria não possuía um “porco gordo”, que era o ideal para o abate. Através da fala do depoente, pode-se entender que muitos deixaram



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

de consumir a carne dos porcos, devido à escassez dos suínos provocada pela peste e não por medo de alguma contaminação.

Segundo os faxinalenses a peste suína teria ocorrido por determinadas causas. Specht (2011) relaciona-a ao fato de que os porcos trazidos do município de Pinhão-PR para o Rio do Couro, estavam contaminados e foram os responsáveis em transmitir a doença para a criação de suínos da localidade. Para Berger (2011) a peste teria vindo de determinado lugar através do “ar”, do “vento”, contaminando os porcos na região. Outros ainda, como Lemes (2011) relacionam a peste suína com a infestação de gafanhotos que havia ocorrido anos antes: “A peste foi dos gafanhotos, que eles comem os gafanhotos e dali dois anos deu a peste, mas era proveniente dos gafanhotos, era dos gafanhotos senão não dava aquela peste.”

2. Os faxinais, os gafanhotos, outra peste

A década de 1940 também foi marcada pela destruição das lavouras pelos gafanhotos, conforme registrou a mensagem apresentada pelo governo de Moyses Lupyon à Assembléia Legislativa do Paraná. Neste documento a infestação dos gafanhotos foi verificada no ano de 1947, sendo bem menor que a infestação do ano anterior.

Em uma reportagem do jornal “Folha do Oeste”, município de Guarapuava-PR, datada de 06 de outubro de 1946, e intitulada “A invasão dos gafanhotos”, registrou-se que a nuvem desses ‘nocivos invasores’ que tomava o município tinha uma extensão de 100 quilômetros de comprimento por 50 de largura. Os insetos destruíam todas as plantações dentro dessa faixa, inclusive a própria mata, que ficou despida de sua folhagem, até mesmo da própria casca. (FOLHA DO OESTE, 1946)

O ano que os gafanhotos chegaram à zona rural de Irati não é unanimidade entre os entrevistados. Alguns apontam para o ano de 1945, outros 1946, ao contrário da mensagem de governo que aponta para o ano de 1947. Uma infestação de gafanhotos já havia ocorrido no ano de 1910, na colônia Gonçalves Júnior. Nesta localidade a infestação de gafanhotos causou grandes prejuízos para os imigrantes holandeses:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Em novembro chegou uma notícia na colônia de que poderia haver um ataque de gafanhotos às lavouras. Uma das pragas do Egito, pensou a Niesje. Ela percebeu a preocupação nos semblantes do pai e do tio Leen. O Jan preparou latas de petróleo e estava a procura de tampas de panelas. O que o pai está querendo?, pensou Niesje.

Eles chegaram. Milhões e milhões de gafanhotos escureceram o céu e desciam nas lavouras. A Niesje viu seu pai e o tio Leen correrem para fora munidos de latas e tampas. Ela correu atrás deles com um panela velha e uma concha de sopa. O barulho de nada adiantou, os gafanhotos acabaram com as lavouras em poucos dias. Somente restaram os talos das plantas. Esses insetos voam muito baixo e, normalmente, seguem pelos vales. A roça de Jan atrás do morro não foi atacada.

- 'O pior está por vir' – disse Pel, o vizinho.

Os gafanhotos quando saciaram sua fome, deixaram milhões de ovos na terra. Após algumas semanas, com a desova, a quantidade era maior ainda e mais voraz. Acabaram com praticamente todas as lavouras da colônia. (RISSEEU, 2004, p.16-17)

A infestação dos gafanhotos que havia ocorrido em 1910 também é lembrada pelos faxinalenses em algumas das entrevistas. Relatam que no dia da chegada dos insetos a essas localidades na década de 1940, algumas mulheres que haviam presenciado a infestação anterior começaram a chorar, já sabendo das dificuldades que iriam enfrentar, principalmente com a escassez de alimentos.

O período em que ocorreu a infestação dos gafanhotos na década de 1940 foi de grande miséria para os faxinalenses, pois as lavouras que forneceriam os alimentos para o consumo das famílias foram totalmente destruídas pelos insetos. Os únicos alimentos que restaram foram batata, batata-doce e abóbora, bem como algumas plantações de milho que já haviam passado pelo processo de maturação, ou aquelas, raras, que os gafanhotos não atacaram. (LEME, 2011)

Conforme Jerônimo Maneira Primo o dia em que os gafanhotos chegaram à localidade do Rio do Couro foi bastante tumultuado, pois as pessoas ficaram desesperadas ao verem suas lavouras, hortas e a própria mata serem destruídas pelos insetos, mesmo já sabendo que os gafanhotos poderiam chegar a qualquer momento e que causariam grandes prejuízos. Os animais, como bovinos e eqüinos, começaram a correr de um lado para o outro, assustados com inúmeros insetos que devido à quantidade, chegavam a tapar a luz do sol. (PRIMO, 2011).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A notícia que uma nuvem de gafanhotos estaria se aproximando do município de Irati era divulgada através do rádio. Segundo Primo (2011), nesse momento eram poucas as pessoas que possuíam um rádio, que era o principal meio de comunicação. Era através dele, também, que eram divulgadas as possíveis origens da nuvem de gafanhotos.

Para Lemes (2011) a nuvem de gafanhotos que destruiu as plantações no Faxinal do Rio do Couro, tinha origem na Argentina, lugar que, segundo ele, havia um “banhado” onde esses insetos nasciam e proliferavam, mas também eram combatidos com inseticidas pelo governo argentino. Todavia, nesse período houve um descuido do governo e os insetos se multiplicaram, de maneira que se deslocaram para outros países, no caso o Brasil.

Segundo Clara Specht (2011) seu pai que tinha muitos livros e gostava de ler, relatava que esses gafanhotos teriam origem na África e que devido à grande quantidade teriam vindo para o Brasil. Outra explicação dada pelos faxinalenses era a de que os gafanhotos se originavam numa ilha marítima de onde partiam em nuvem. (PRIMO, 2011).

O jornal “Correio do Oeste”, de Guarapuava, em uma notícia, também divulga a possível origem da nuvem dos gafanhotos: “[...] uma enorme nuvem de gafanhotos está atravessando pelos Estados do sul do Brasil, vinda da direção das Repúblicas Argentina e Paraguay, tendo já atingido o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.” (CORREIO DO OESTE, 1946).

Após a infestação dos gafanhotos no Paraná, o governo estadual, juntamente com o Ministério da Agricultura dividiu o Estado em oito zonas, cada uma delas subdividida em postos de abastecimento, estes ainda subdivididos em setores. Cada setor contando com uma ou mais equipes de combates, de acordo com a intensidade da infestação.

Segundo a mensagem do então governador do Paraná, essas medidas de combates à praga de gafanhotos não tiveram pleno êxito devido à falta de estradas de ferro, para o transporte dos materiais até as regiões afetadas. Em consequência deste evento houve uma queda na produção agrícola, levando muitos municípios a importar



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

cereais para o consumo interno. (1948, p.34)

No caso de Irati, os únicos registros encontrados sobre a queda da produção agrícola devido à praga de gafanhotos, são dois ofícios, ambos datados de 1948. O primeiro foi enviado pelo então prefeito de Irati José Galicioli ao “Serviço de Estatística da Produção” no Rio de Janeiro. O prefeito informou sobre a estimativa de 29.700 sacas de feijão na safra de 1946, ao contrário do que havia sido repassado, de 120.000 sacas do produto, pois segundo Galicioli, Irati jamais conseguiu uma produção deste tamanho, “[...] distanciando-se mais desse número no último biênio, devido a grandes chuvas no princípio e à praga de gafanhotos por último.” (PREFEITURA MUNICIPAL DE IRATI, março de 1948). O segundo ofício enviado ao mesmo órgão faz referência a estimativa da safra de feijão do ano de 1947, cerca de 27.500 sacas, produção que segundo Galicioli, decaiu novamente, devido às chuvas e à infestação dos gafanhotos. (PREFEITURA MUNICIPAL DE IRATI, maio de 1948).

Na mensagem de governo, acima referida, não há referência sobre qualquer ajuda que a administração estadual tenha enviado para os pequenos agricultores, como o caso dos faxinalenses, que tinham nessa atividade sua principal fonte de subsistência. Nas entrevistas os moradores relatam que receberam lança-chamas e tambores de querosene para auxiliar no combate dos milhares de gafanhotos que devoravam as plantações. (SPECHT, 2011). Alvindo Lemes (2011) relata que além dos lança-chamas receberam alimentos e também sementes para iniciarem uma nova plantação. Contudo, os moradores não sabem se esse auxílio vinha do governo estadual ou da própria prefeitura de Irati, na qual, não foi encontrado nenhum registro sobre esses possíveis donativos.

Além do combate com os lança-chamas haviam outras formas para combater os gafanhotos. Uma delas era a abertura de valas no chão, que eram utilizadas como armadilhas para os gafanhotos da seguinte forma: as pessoas espantavam os insetos com galhos ou mesmo com as próprias mãos para que caíssem no buraco que havia sido aberto, depois eram queimados com querosene ou então cobertos com terra. (PRIMO, 2011)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Outros ainda se utilizavam de latas e painéis para fazer barulho, na tentativa de espantar os gafanhotos, essa atividade era geralmente desempenhada pelas crianças, que passavam o dia todo nas lavouras. Segundo os relatos isso pouco adiantava, pois os insetos saíam por alguns minutos, mas logo voltavam a devorar as plantações. (GARZUZE, 2011)

As benzedoras também tentaram combater a praga nos campos infestados pelos gafanhotos através de alguns rituais. Segundo Primo (2011) haviam, na localidade do Rio do Couro, inúmeros “curadores”, que faziam vários tipos de benzeduras. No entanto, somente dois tentaram espantar os gafanhotos, um homem, o “velho Rael” e uma mulher “a velha Gertrudes”. Primo relata que ambos se dirigiam às lavouras e faziam alguns gestos utilizando ramos verdes, além disso, conta que a benzedora Gertrudes, garantia que suas rezas eram mais eficientes do que os outros métodos utilizados pelo restante das pessoas para combater a infestação. Relatava, também, ser responsável pela expulsão definitiva dos gafanhotos do faxinal. (PRIMO, 2011)

Em seu depoimento Dirce de Mello Garzuze (2011), relata que essa praga de gafanhotos ocorria a cada 30 anos e sempre causava grandes prejuízos para os moradores dos faxinais, principalmente por terem sua subsistência baseada na agricultura. Segundo ela a praga dos gafanhotos era uma espécie de castigo, que Deus enviava para a população, devido à falta de religiosidade das pessoas, que na maioria das vezes não haviam recebido sacramentos como a Crisma, a 1ª Eucaristia, e até mesmo o Batismo. Isso ocorria, segundo Garzuze, devido à falta de igrejas e até mesmo padres que raramente se dirigiam até as localidades da zona rural. Tais atitudes eram então castigadas, punidas por Deus, na concepção dos faxinalenses. (GARZUZE, 2011)

A idéia que se tinha da infestação dos gafanhotos como castigo divino também pode ser observada na reportagem publicada no jornal “Folha do Oeste” de Guarapuava, em 1946,

Diante dessa verdadeira calamidade, de incalculáveis conseqüências, não basta somente o esforço das autoridades. É imprescindível que o povo levante preces ao Criador do Universo, orando com fé, implorando que esse calix de amargura seja afastado, embora a humanidade, pelos seus destinos, seja merecedora de castigo. (FOLHA DO OESTE, 1946)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Outro documento em que a praga dos gafanhotos está relacionada a um castigo divino é um livro, no qual o autor Jurandir Alves Pires, conta histórias sobre Rio Azul-PR, município que também teve suas plantações destruídas pelos gafanhotos:

Uma densa nuvem envolve a terra, com o desaparecimento da luz solar. Como se o sol tivesse sido engolido por um monstro da mitologia.

- Céus! gritam os povos residentes em Rio Azul. O que é isto?

-É a praga, a praga de Deus, respondem os mais velhos.

-Mas o que é isto, indaga um menino pegando um pequeno inseto que bateu em seu corpo.

- É a praga de Deus, são os malditos gafanhotos, observa o velho polaco. (PIRES, p.47)

Através da análise dos documentos escritos, bem como das entrevistas que fazem menção ao ataque dos gafanhotos como castigo divino, pode-se observar que a narrativa presente em tais fontes é bastante similar à passagem bíblica de Êxodo capítulo 10, versículos de 1 a 20, que trata sobre a 8ª praga enviada, como castigo, por Deus ao Egito, os gafanhotos:

... se recusares deixar ir o meu povo, eis que amanhã trarei gafanhotos ao teu território;

Eles cobrirão de tal maneira a face da terra que dela nada aparecerá; eles comerão o restante que escapou, o que vos resta da chuva de pedras, e comerão toda árvore que vos cresce no campo;

E encherão as tuas casas, e as casas de todos os egípcios, como nunca viram teus pais, nem teus antepassados, desde o dia em que se acharam na terra ao dia de hoje (...) cobriram a superfície de toda a terra, de modo que a terra se escureceu; devoraram toda a erva da terra, e todo fruto das árvores que deixara a chuva de pedras; e não restou nada verde nas árvores, nem na erva do campo, em toda a terra do Egito.

Essa idéia que os faxinalenses possuíam da infestação dos gafanhotos como um castigo enviado por Deus pode estar relacionado com o próprio catolicismo, religião predominante nos faxinais, que tem a bíblia como seu livro sagrado. Isso pode ser observado no seguinte trecho de um documento que trata sobre uma infestação de gafanhotos ocorrida na Colônia Gonçalves Júnior em 1910: “Uma das pragas do Egito, pensou a Niesje. Ela percebeu a preocupação nos semblantes do pai e do tio Leen.” (RISSEU, 2004, p. 16-17)



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

No momento em que as comunidades faxinalenses enfrentavam a infestação dos gafanhotos, muitas pessoas recorreram à igreja na tentativa de impedir a destruição das lavouras, através da intercessão divina. Segundo Specht (2011) toda noite as pessoas se reuniam em determinadas casas para fazerem suas orações, na forma de novenas, além disso, “O pessoal ia rezar na igreja, fazer promessa, fazer pedido, algum ia todos os dias outros só no domingo [...]” (SPECHT, 2011). Lemes (2011) também conta que no faxinal do Rio do Couro essa prática também foi adotada: “[...] as pessoas rezavam, faziam novenas, pediam a Deus para que ajudasse para frente, que desse saúde [...]”.

Muitas comunidades também passaram a construir pequenas igrejas, para as pessoas se reunirem nos finais de semana e rezarem. Além disso, a visita dos padres começou a ser mais freqüente, sendo que a partir desse momento, a praga dos gafanhotos não mais retornou a essas comunidades, segundo Garzuze. (2011)

3. A sobrevivência de um modo de vida provado pelas pestes

Como pudemos perceber a praga de gafanhotos e peste suína abalaram a economia do sistema de faxinal — a agricultura de subsistência e a criação de porcos — na década de 1940. Mesmo assim essa forma de organização tradicional persistiu e as pessoas não abandonaram o campo. Como tal fato pode ser compreendido?

Uma das hipóteses para a sobrevivência do sistema faxinal, bem como a permanência das pessoas no campo, pode estar relacionado à própria organização do sistema, que estava baseado na solidariedade que se estendia muito além da própria comunidade. Através das entrevistas pudemos perceber que esse elemento se fez presente tanto durante a ocorrência da peste suína como da praga dos gafanhotos.

Em relação à peste suína essa rede de solidariedade pode ser observada na própria reconstituição da criação de porcos no faxinal. Segundo Berger (2011) raros foram os porcos que resistiram à doença, contudo, aqueles que restaram eram emprestados ou então vendidos para os vizinhos para tentar recompor a criação.

Já em relação à praga de gafanhotos, as manifestações de apoio mútuo se fizeram ainda mais presente. Segundo Primo (2011), o período do ano em que os



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

gafanhotos chegaram à localidade do Rio do Couro era o do início das plantações. Assim sendo, os alimentos estocados estavam praticamente no fim e contavam com uma nova colheita que foi frustrada pelos gafanhotos que devastaram as plantações, ou seja, o alimento para as famílias e animais durante todo o ano.

Primo (2011) nos relatou que seu pai, João Batista Maneira, era um dos poucos moradores do faxinal que ainda possuía uma quantidade razoável de milho estocado no paiol. Após a infestação dos gafanhotos várias pessoas começaram a procurá-lo para comprar milho ou mesmo emprestar. Em poucos meses o paiol esvaziou:

Nós tínhamos um paiol de milho em casa cheio da safra passada e meu pai emprestou milho até lá pro Mato Queimado, vinham buscar milho até aqui desse faxinal, quantos e quantos vieram emprestar milho para comer, para fazer o fubá, para fazer a farinha, não era para engordar criação [...] (PRIMO, 2011)

A fala do depoente encontra ressonância com um depoimento de Guilherme Crovador, encontrado no livro “A colônia que veio do pó”² de Osmar Aggio:

Em 1946, depois da Segunda Guerra, houve um ataque de gafanhotos no Rio do Couro – Irati. Eles destruíram tudo que viam, comeram até o ‘fumá’ (fumo). A gente só não passou fome porque o João Batista Maneira tinha um milho guardado, mas que depois acabou também. (CROVADOR, G. In: AGGIO, 2005, p. 124)

Através destes depoimentos pode-se perceber a organização social baseada na solidariedade. Essa ajuda não ocorria somente em períodos de escassez de alimentos, mas durante todo o ano, fazendo parte da própria cultura faxinalense: “[...] se não tinha uma coisa para dar, o outro vinha e trazia era assim, sempre tinha.” (BERGER, 2011)

As bodegas que existiam na localidade do Rio do Couro, segundo os depoimentos, também foram um elemento importante para a permanência das pessoas no campo no período de escassez de alimentos causados pelos gafanhotos. Muitas pessoas mesmo sem possuir dinheiro, se dirigiam até esses armazéns para comprar “a fiado”. Outros ainda trocavam produtos como ovos, galinhas e sementes por outros gêneros alimentícios, como açúcar, sal e farinha. (BERGER, 2011) Outros

² No livro o autor ao trabalhar a imigração italiana na região de Campo Largo-PR, coletou alguns depoimentos, inclusive de pessoas que residiram em faxinais da região de Irati, como no caso de Guilherme Crovador.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

conseguiram sobreviver, comprando nas bodegas com o dinheiro que haviam conseguido através da coleta de erva-mate. (LEMES, 2011). A venda de produtos “a fiado” era uma prática bastante comum, mesmo antes da infestação dos gafanhotos. (PRIMO, 2011)

Ao final deste artigo podemos concluir que, de um ponto de vista econômico as bases do sistema de faxinais na localidade do Rio do Couro foram abaladas. Sem a possibilidade de criar os porcos seja para o consumo, seja para a venda aos safristas, por conta da peste suína, sem a lavoura de subsistência, esta atacada pelos gafanhotos, que, juntamente com os porcos garantiam o sustento das famílias, era de se esperar a ruína do faxinal. Um êxodo para as cidades, uma migração em massa. Todavia, uma cultura cabocla, calcada no trabalho comunitário, na religiosidade e nas relações de solidariedade possibilitaram enfrentar os problemas, as pestes, e produzir significados que, ao contrário do que se podia esperar, fortaleceram os laços e o modo de vida faxinalense.

Referências

- BACH, Arnaldo Monteiro. **Porcadeiros**. Ponta Grossa: Pallotti, 2009.
- CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade texto e história: para ler história oral**. São Paulo: Loyola, 1999.
- CHANG, M. Y. **Faxinais**: Uma forma de organização camponesa em desagregação no Centro-sul do Paraná. Boletim nº 22. IAPAR. Londrina, PR 1988.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. **História, tempo presente e história oral**. Topoi, Rio de Janeiro, dezembro 2002.
- JOUTARD, Philippe. História oral: balanço e metodologia e da produção dos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- NERONE, Maria Magdalena. **Terras de plantar – terras de criar – Sistema Faxinal: Rebouças – 1950-1997**. Tese de Doutorado em História, UNESP/Assis, 2000.
- SOARES, Luis Cesar; SOCHODOLAK, Hélio. **Elementos da cultura faxinalense em Inácio Martins**. UNICENTRO: PIBIC, 2008 (Relatório).
- SOCHODOLAK, Hélio; CAMPIGOTO, José Adilson. Os faxinais da região das araucárias. In: MOTTA, Márcia Menendes; OLINTO, Beatriz Anselmo e OLIVEIRA, Oseias. (orgs) **História Agrária: propriedade e conflito**. Guarapuava: Unicentro, 2009.
- VOLDMAN, Danièle. A invenção do depoimento oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Fontes:

SPECHT, Clara. **Entrevista** concedida a Regiane Maneira em 20/01/2011.

BERGER, Magdalena R. **Entrevista** concedida a Regiane Maneira em 27/02/2011.

LEMES, Alvindo. **Entrevista** concedida a Regiane Maneira em 05/02/2011.

PRIMO, Jerônimo Maneira. **Entrevista** concedida a Regiane Maneira em 24/05/2011.

GARZUZE, Dirce de Mello. **Entrevista** concedida a Regiane Maneira em 18/05/2011.

CROVADOR, G. In: AGGIO, Osmar. **A colônia que veio do pó**. Gráfica Planeta Ltda, 2005.

ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. Governador do Paraná, Assembléia Legislativa do Estado. Curitiba, 1948. **Mensagem**. Documento composto de 145 páginas, disponível em http://www.arquivopublico.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/Ano_1948_MFN_941.pdf. Acesso em 23.08.2010.

COORDENADORIA DE DEFESA AGROPECUÁRIA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Os avanços da defesa animal transformaram Brasil em potência exportadora de carne**. Notícia. Disponível em <http://www.cda.sp.gov.br/www/noticias/index.php?action=integra&cod=270>. Acesso em 24/03/2011.

FOLHA DO OESTE. **A invasão dos gafanhotos**. Guarapuava, Paraná, 6 de outubro de 1946/ nº 20.

INSTITUTO VITAL BRAZIL: LABORATÓRIO DE PRODUTOS QUÍMICOS E BIOLÓGICOS S/A. **Panfleto**. Niterói-RJ, sem data.

PIRES, Jurandir Alves. **Rio Azul também tem história**. Rio Azul: Sesquicentenário, sem ano.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IRATI. **Notas**. Correio do Sul. Irati, 19 de março de 1948.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IRATI. **Ofício** 53/48 enviado ao Serviço de estatística da produção do RJ. 15 de março de 1948.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IRATI. **Ofício** 54/48 enviado ao Serviço de estatística da produção do RJ. 28 de maio de 1948.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IRATI. **Ofício**. Inspetor do Distrito de Guamirim. Irati, 21 out. 1948.